

RESENHA

DAMATTA, Roberto
(com João Gualberto M. Vasconcellos e Ricardo Pandolfi). 2010.
Fé em Deus e pé na tábua.
Ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil.
Rio de Janeiro: Rocco. 191 p.

Carolina Vasconcelos Pitanga¹

Roberto DaMatta, em parceria com João Gualberto M. Vasconcellos e Ricardo Pandolfi, nos traz uma análise aprofundada sobre os comportamentos e atitudes vivenciados diariamente nas vias públicas das grandes cidades brasileiras. Tendo como parâmetro uma pesquisa realizada sobre o trânsito na capital do Espírito Santo, DaMatta aborda a questão do trânsito no Brasil, aproximando-o com a discussão feita anteriormente no livro *A Casa e a Rua*.

Os autores observam como a rua, concebida dentro de um contexto igualitário aberto a todos, pode se tornar hierarquizada e como a violência e a loucura dos condutores e pedestres têm crescido em decorrência disso. Considerando a dicotomia entre os valores da casa e os da rua, o livro considera o pressuposto de que, no Brasil, a utilização do carro como principal instrumento de transporte é seguido por uma série de concepções ligadas aos modelos aristocrático e individualista, personificados na ocupação do espaço público realizado por dona Carlota Joa-

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA.

quina (p.94). O carro faz com que os indivíduos não entrem em contato uns com os outros, mas por outro lado possibilita o poder da liberdade e a consequência disso é um cidadão repleto de direitos e vazio de deveres.

Longe de querer produzir uma obra sobre engenharia, ou sobre educação no trânsito, a proposta do livro é analisar os comportamentos dos indivíduos dentro dos carros, levando em consideração a dificuldade do brasileiro em cumprir leis, bem como a mentalidade hierárquica que classifica objetos e pessoas como superiores ou inferiores, resultando disso uma situação de constante conflito e tensão, num espaço onde, presumidamente, acredita-se ser o espaço de igualdade para todos.

Se no Carnaval o brasileiro é visto em toda sua cordialidade como um sujeito alegre e sem preocupações, no trânsito esse mesmo sujeito torna-se agressivo e tem a necessidade de ultrapassar todos os obstáculos que estão na sua frente (pedestres, ciclistas, semáforos etc.). No capítulo 2, intitulado “Raízes da desobediência”, os autores justificam essa carga de desumanidade e a agressividade encontrada no trânsito considerando que o ato de sair de casa, no Brasil, é algo dramático. Ao sair de casa, deve-se esquecer os laços sociais pautados pela hierarquia e as normas familiares, e encarar a rua como um local perigoso e repleto de riscos, e onde só Deus pode tomar conta de tudo e de todos.

No capítulo 3, “Receitas para enlouquecer: avaliações e julgamentos do trânsito”, a questão da falta do cumprimento das leis, tanto por parte dos condutores quanto por parte dos pedestres, apresenta-se como interesse principal de análise. O prestígio e o poder de liberdade que o carro oferece aos seus usuários fazem com que o pedestre se torne a principal vítima desse espaço, onde o carro deixa de ser um instrumento de locomoção para se tornar um símbolo de superioridade social.

No capítulo “O carro é o motorista”, demonstra-se como atualmente o carro foi transformado em um objeto de desejo e como instrumento de ascensão social. O cidadão motorizado tem prestígio de se deslocar livremente, muitas vezes até mesmo sem carteira de habilitação, o que proporciona uma sensação de privilégio em relação aos que não possuem um carro. Desse modo, o carro importado, novo e em ótimas condições físicas está no topo da hierarquia do trânsito.

A dimensão referente aos sentimentos e emoções provocados no trânsito, como estresse, agressividade e impaciência, pode ser entendida a partir da análise do dilema do trânsito, onde se constitui uma contradição

entre a concepção de rua como um espaço construído para todos, e indivíduos com uma mentalidade marcada pela hierarquia aristocrática. Além disso, há no Brasil uma crença compartilhada por condutores de veículos, motociclistas e pedestres: a de que os problemas do trânsito estão relacionados a fatores externos – ausência de políticas públicas relacionadas à questão. A partir disso pode-se destacar a falta de conscientização em relação aos direitos e, principalmente, aos deveres de cada um ao sair de casa.

No capítulo “Os motivos da loucura: um esboço de uma análise comportamental”, o problema social da junção entre bebida alcoólica e direção é abordado.

No decorrer da leitura é possível recordar situações de injustiça e crueldade que já passamos ou impusemos a alguém. Além da experiência de alteridade, podemos experimentar a sensação de estranhamento, visto que, de uma forma geral, ao sair de casa, estamos preparados para tudo e não nos damos conta do nível de insensatez e selvageria que toma conta das ruas, onde o carro é o principal instrumento de *status* e opressão.

Para concluir, o livro possibilita uma compreensão sobre os aspectos sociais e cotidianos que determinam a existência de um trânsito cada vez mais caótico e violento. Propondo uma abordagem concentrada nas atitudes e na mentalidade dos condutores, nas suas expectativas e ideias sobre o trânsito, os autores realizam um estudo importante sobre a situação atual das experiências em vias públicas brasileiras. O trabalho produzido por DaMatta é uma contribuição fundamental para a análise antropológica e sociológica, e preenche uma lacuna em relação ao estudo sobre o trânsito e as formas de interação no espaço público brasileiro.